

«Numa brilhante integração entre ciência, espiritualidade e consciência (...), o físico e autor Amit Goswami usa a física quântica para descrever conceitos místicos como a imortalidade da alma, a reencarnação e a vida depois da morte. O Dr. Goswami descreve a consciência como mais do que um conceito abstrato — como uma realidade primária e fundamental para a ciência — e este é o seu ponto de partida para toda a conduta científica. Em *O Mistério da Vida e da Morte*, ele junta descrições d'*O Livro Tibetano dos Mortos* com os seus conhecimentos de física quântica e conclui que a memória reencarnacional — vidas passadas e o nosso acesso às mesmas — é uma verdade absoluta e cientificamente comprovável.»

— *The Light Connection*

«Nos últimos anos, a ciência da física quântica tem vindo a lançar uma nova luz sobre as teorias metafísicas da reencarnação e da imortalidade. Todavia, o número daqueles que são capazes de discutir de forma inteligente a metafísica como uma comunicação com o outro lado por intermédio de sonhos é muito reduzido. Ao mesmo tempo, o número daqueles que são capazes de falar sobre a natureza mais íntima da matéria como atualmente é descrita na física quântica é infinitamente pequeno. Amit Goswami é, nos dias de hoje, um dos poucos indivíduos que possuem a capacidade de comunicar entre estes dois estudos esotéricos e sugerir formas de as perceções de ambos se esclarecerem mutuamente.»

— *George W. Fisk, Spiritual Frontiers*



*Para o meu amigo Hugh Harrison,  
que desempenhou um papel fundamental  
no início da investigação que conduziu a este livro,  
e para a minha mulher, Uma, pois, sem a sua sabedoria  
e inspiração, ele não teria sido concretizado.*



## *Prefácio*

Já se passaram doze anos desde que o livro *O Mistério da Vida e da Morte* foi publicado pela primeira vez e é com felicidade que afirmo que a teoria, os dados e as conclusões que nele constam se encontram cada vez mais validados. Em suma, a sobrevivência após a morte e a reencarnação são conceitos científicos válidos.

Ao ler *O Mistério da Vida e da Morte*, o leitor descobrirá que a teoria central da sobrevivência após a morte e da reencarnação referida neste livro depende fundamentalmente de um conceito chamado memória quântica. A ideia é que uma parte da nossa memória (chamemos-lhe memória quântica) — especificamente, a da nossa aprendizagem — é não local, o que significa que não reside localmente no cérebro, mas fora do espaço e do tempo. Como tal, esta memória pode transmigrar no espaço e no tempo sem sinais, sem transferência de energia. A questão da energia é importante porque os antagonistas da ideia da sobrevivência após a morte fazem um grande alarido em volta do facto de o peso de um corpo vivo não se alterar com a morte.

É igualmente crucial entender que a sobrevivência não significa grande coisa se não for uma parte de nós que, essencialmente, nos define. Se pensarmos bem, a nossa história pode não ser a nossa essência, mas sim o que aprendemos na nossa vida. Se este conceito é demasiado chocante nesta era materialista, há que entender que é isto que as tradições espirituais nos dizem há milénios; a física quântica está apenas a validar esta afirmação.

A não localidade — comunicação isenta de sinais — é um conceito quântico. Embora seja verificada experimentalmente, muitos físicos são

céticos quanto à sua validade, especialmente no domínio macroscópico da realidade. Não se preocupe! Apresento os dados no corpo do livro; o leitor só tem de manter uma mente aberta ao explorar esta ideia.

Se ainda lhe parece demasiado arriscado investir numa teoria de sobrevivência e reencarnação, por mais científica que ela seja, relaxe. Existem muitas evidências empíricas precisamente para este modelo quântico de sobrevivência e reencarnação que o livro apresentará e que, como tal, não vou referir aqui. Há, no entanto, um dado surpreendente que apresentarei e que inadvertidamente deixei de fora do livro.

Evidências diretas sugerem que a memória de uma propensão aprendida é não local. Na década de 1960, o neurofisiologista Karl Lashley fez uma experiência na qual tentava estudar a localização da aprendizagem de uma propensão no cérebro. Como tal, treinou ratos para encontrar queijo num labirinto em forma de «Y» e então começou sistematicamente a cortar partes do cérebro deles para testar se a propensão se mantinha. Estranhamente, descobriu que, mesmo depois de lhe removerem cinquenta por cento do cérebro, um rato treinado encontrava o caminho para o queijo. A única conclusão viável é que a memória aprendida de uma propensão é não local, para a qual o termo antigo é *akáshica*, uma palavra em sânscrito que significa fora do espaço e do tempo. (Outra conclusão segundo a qual o cérebro seria holográfico foi popular durante algum tempo, mas já não é considerada viável.)

Assim sendo, vá em frente, acredite! A ideia de que a nossa memória de aprendizagem reside fora do espaço e do tempo — ou seja, é não local — é científica. Não é uma tolice explorá-la. O leitor tem, realmente, muito a ganhar com esta exploração. Trata-se de algo que irá mudar o seu estilo de vida — do domínio do pessimismo para o do otimismo, para começar. Se o leitor já é otimista, estas ideias dar-lhe-ão uma noção de propósito e significado pessoal que trará uma profunda satisfação à sua alma.

*Explora, explora!*

*Existem demasiadas ideias, significados e valores*

*Para explorar numa vida, dizes tu.*

*Nunca temas. A tua morte é apenas uma renovação.*

*A condição humana é única!*

*Tu regressas uma e outra vez!*

*Não estás curioso?*

*O que te espera no fim da tua exploração?*

Para mim, desenvolver uma teoria da sobrevivência após a morte e da reencarnação foi um processo muito gratificante. Como terá a oportunidade de ler, o processo começou com uma velha senhora a perguntar-me: «O que é que acontece quando morremos?» Eu não o sabia na altura, nem acreditava que o pudéssemos saber. Porém, surgiu na minha vida um teosofista que me lembrou de tradições que acreditam e que, de facto, eu tinha crescido numa delas. Então, veio um sonho com um desafio: «*O Livro Tibetano dos Mortos* está correto, cabe-te a ti prová-lo!» E, por fim, uma mulher, estudante de pós-graduação em Filosofia, pediu-me que a aconselhasse a respeito do luto pela morte do namorado. Esta série de sincronicidades conduziu-me às descobertas aqui descritas.

Ao percorrer este livro, o leitor verá que a teoria aqui apresentada também explica outro fenómeno extremamente controverso — a canalização. Este é o fenómeno no qual indivíduos a quem chamamos médiuns afirmam encarnar a «alma» de pessoas falecidas. Considerando que todos os modelos alternativos de canalização se baseiam em algum tipo de dualismo, o modelo aqui explorado é a única explicação científica para estes fenómenos.

De acordo com este modelo, apenas as propensões aprendidas ou o carácter dos falecidos podem ser canalizados. Isto é comprovado por experiências descritas no livro. Aqui, quero acrescentar alguns comentários:

1. Muitos médiuns não só canalizam entidades e levam a cabo coisas invulgares, como também apresentam ideias e enredos, insistindo que estes têm a sua origem nas entidades canalizadas. Estas alegações devem ser encaradas com desconfiança.
2. O que torna possível a canalização entre um médium e uma entidade canalizada? Nem todos podemos canalizar! Considero que algumas pessoas morrem com a intenção específica de tornar as suas propensões aprendidas acessíveis ao mundo dos humanos mesmo enquanto estão desencarnadas; outras pessoas capazes de canalizar são médiuns com intenções especialmente desenvolvidas para a canalização.
3. Todos nós podemos aprender a canalizar? Num livro chamado *Creative Evolution*, referi-me ao modo como algumas pessoas são

capazes de alterar o curso da evolução humana ao trabalhar no sentido de desenvolver circuitos cerebrais emocionais positivos ativos numa comunidade (muito à semelhança de uma antiga entidade tribal). A ideia é que dentro de algumas gerações grande parte da Humanidade nasça com estes circuitos cerebrais; a transmissão será feita por meio da memória não local dos seus campos morfogenéticos — uma ideia de Rupert Sheldrake que também é desenvolvida neste livro. Acredito que, se usarmos intenções de canalização em massa, a propagação não local das propensões aprendidas conhecerá uma aceleração.

Um comentário final: contei a história de uma jovem que me procurou em busca de aconselhamento sobre o luto. Na altura, eu não sabia o que lhe dizer. Agora, sei: supere o seu luto o mais depressa possível, porque ele está a reter as intenções da pessoa falecida. Deixe-a ir. Desfrute deste livro. Esta investigação mudou a minha vida. Espero que enriqueça a sua.

# 1

## DA MORTE À IMORTALIDADE

**O** que é a morte? Eis uma pergunta cuja resposta parece fácil. A morte é quando a vida acaba; é a cessação da vida. Mas sabemos o que é a vida? Sabemos o que significa a sua cessação? Estas perguntas não são tão fáceis de responder, pelo menos no que respeita à ciência.

A maioria das pessoas tem pouco interesse em definições científicas da vida e da morte. Em 1993, depois de publicar um livro no qual propunha um novo paradigma científico para a natureza da realidade, uma ciência baseada no primado da consciência, fui convidado para falar num programa de rádio. A primeira pergunta que me fizeram não foi sobre a natureza da realidade ou da consciência. Foi a seguinte: existe vida depois da morte? A princípio, apanhou-me de surpresa; mas depois percebi que, para muitas pessoas, esta é a pergunta-chave sobre a realidade.

Até as crianças querem saber se existe vida após a morte. Numa carta a Deus, uma criança escreveu: «Querido Deus, o que é que acontece quando morremos? Eu não quero morrer. Só quero saber como é.»

O que é que acontece depois da morte? No passado, esta era uma pergunta que nos levaria ao padre, pastor, guru, mulá, rabino, mestre *zen* ou xamã do nosso bairro. Não era de forma alguma considerada uma pergunta respeitante à ciência. A ciência de então tratava dos aspetos terrenos do mundo; a religião era onde se procuravam as respostas para aquelas perguntas mais relacionadas com o íntimo: como viver a vida, o que acontece após a morte, como conhecer Deus, e assim por diante.

No entanto, nem sempre havia respostas. Um discípulo *zen* procurou o seu mestre e perguntou:

— O que acontece depois da morte?

O mestre respondeu:

— Não sei.

O discípulo ficou muito espantado.

— Mas se você é um mestre!... — protestou ele.

— Sim, mas não sou um mestre morto — foi a resposta.

No entanto, muitos gurus de diferentes religiões não se mostravam, geralmente, tão hesitantes quando se tratava de responder a isso. E as respostas, na sua maioria, eram simples (pelo menos, as das religiões organizadas). Deus é o imperador supremo do mundo, um mundo que se divide entre o bem e o mal. Se pertencermos ao bem, depois da morte iremos para o Céu, um lugar de paz e alegria sem dúvida desejável. Se, por outro lado, seguirmos o mal, a morte lançar-nos-á no Inferno, onde seremos consumidos pelo fogo, pelo sofrimento. A mensagem da religião era «sê bom». E, se o ser bom não tiver a sua recompensa aqui na Terra, esta há de nos ser dada após a morte. Porém, infelizmente, nesta sofisticada era científica, este tipo de resposta já não satisfaz ninguém.

Quer isto dizer que o leitor vai encontrar respostas sofisticadas e satisfatórias neste livro? Espero que sim. As respostas baseiam-se numa nova física chamada «quântica», que, assente na filosofia do primado da consciência, nos dá uma janela prospetiva através da qual correm ventanias de novas respostas para essas perguntas tão antigas. As perguntas e respostas sobre o que acontece depois da morte nada mais são do que as mais recentes descobertas desta nova ciência. Mas continue a ler.

## O que é que sobrevive?

Quem somos após a morte? Obviamente, o nosso eu pós-morte não pode ser uma entidade física ou corpórea, razão pela qual a ideia de uma alma incorpórea é tão popular. Foi-nos dito que é a nossa alma que sobrevive à morte do corpo; e que, depois da morte, ela vai para o Céu ou para o Inferno, dependendo de como nos saímos no dia do juízo.

As imagens que muitas pessoas formam daquilo que esperam ser o Céu sugerem que, mesmo lá, elas esperam manter o seu ego intacto,

como nos filmes de Hollywood. Para elas, o ego é a alma. Todavia, esta crença pode ser alvo de muitas objeções.

Como obtemos a nossa identidade de ego? Obviamente, o nosso ego é moldado pelas experiências que temos à medida que crescemos. As memórias destas experiências encontram-se muito provavelmente preservadas no cérebro físico. Mas, por outro lado, as experiências (educação), por si só, não constituem a totalidade do desenvolvimento do ego; parece lógico que a nossa herança genética (natureza) também desempenhe o seu papel nisso. Porém, tanto a genética como as memórias cerebrais são físicas. Com o desaparecimento do corpo e a consequente degradação destas memórias físicas, o ego poderá continuar a funcionar?

Outro argumento contra a ideia de que a alma é o ego foi apresentado pelo psicólogo Charles Tart (1990), que referiu que o corpo e o cérebro são influências estabilizadoras da nossa identidade. Nos sonhos, por exemplo, perdemos a consciência do nosso corpo físico e basta ver o que acontece. A nossa identidade pode mudar muitas vezes de um corpo onírico para outro durante o sono; não existe muita estabilidade no que respeita àquilo com que nos identificamos. Algo semelhante acontece com a privação sensorial e as chamadas drogas psicadélicas. A identidade do ego normal e estável que experienciamos durante a nossa consciência desperta desaparece nestes estados alterados de consciência. Tart considera que isto pode ser uma pista para o que poderá ser o estado de consciência alterado que alcançamos após a morte, a menos que existam outros tipos de processos de estabilização que desconhecemos.

Como tal, a natureza da alma, a natureza daquilo que sobrevive à morte, é uma questão difícil e controversa. Mas torna-se ainda mais controversa, ainda mais desconcertante, quando consideramos as imagens de um *continuum* (vida e morte como um *continuum*) presentes em muitas culturas. Não só existe algo que sobrevive à morte, como esse algo regressa noutra corpo com outro nascimento, e o processo repete-se várias vezes.

## A reencarnação

A noção de que a alma sobrevive no Céu ou no Inferno após a morte é mais ou menos a ideia corrente nas culturas judaico-cristãs.

Outras culturas veem esta questão de um modo algo diferente. Às vezes (por exemplo, no Islão), as diferenças são pequenas. Mas temos casos em que as diferenças de percepção da realidade pós-morte são muito radicais. Os hindus na Índia, os budistas no Tibete e em muitos outros lugares (embora no budismo o conceito de alma seja muito subtil), e muitos descendentes de chineses e japoneses, mesmo fora do budismo, acreditam na alma, no Céu e no Inferno, mas, para eles, uma estada num destes locais é apenas o começo da viagem. Nestas culturas, o Céu e o Inferno são residências temporárias, após as quais a alma tem de voltar novamente à Terra. A quantidade de tempo que passamos no Céu ou no Inferno temporário dependerá do nosso carma, um conceito de causa e efeito que inclui um registo do bem e do mal, mas com uma diferença importante.

Se praticarmos o bem, acumulamos um bom carma, ao passo que as más ações aumentam um mau carma no nosso registo cármico, tal como no cristianismo. Só que o mau carma é uma coisa indesejada, é claro; por exemplo, muitos chineses receiam que, se as suas ações na Terra forem realmente más, hão de renascer como ratos, ou mesmo como vermes, na vida seguinte. Porém, nem um bom carma impede a roda de girar. Por muito bom carma que possamos acumular, não podemos permanecer para sempre numa perfeição celestial; temos sempre de regressar à imperfeição terrena. Isto introduz a ideia subtil de que até um bom carma não é suficiente. Ainda assim, continuamos presos à roda do carma, ao ciclo de reencarnações recorrentes. E a roda cármica é vista como o motor desse veículo que é o sofrimento.

O que poderia ser melhor do que acumular um bom carma, do que fazer o bem em todas as nossas ações e experiências na Terra? Para os hindus e para os budistas existe um modo de vida ideal e perfeito, que, quando descoberto, nos liberta da roda do carma. Os hindus chamam a essa conquista final *moksha*, que significa literalmente libertação; e os budistas chamam-lhe *nirvana*, que se traduz literalmente como extinção da chama do desejo.

Podemos usar a filosofia para explicar estas diferenças entre a visão judaico-cristã e a visão hindu/budista do que acontece após a morte. Numa, o modelo específico de realidade pós-morte que uma cultura desenvolve depende de esta ser materialmente rica ou pobre. O propósito da religião é levar as pessoas a viverem segundo o que é bom, e não segundo o que é mau. Se a cultura é materialmente pobre, as pessoas

vivem na esperança de uma boa vida depois da morte. Se estivessem a par do conceito de reencarnação, não hesitariam em ser más de vez em quando e correr o risco de um Inferno temporário. Teriam sempre a vida seguinte para serem boas. Daí a importância da ideia de um Inferno eterno para manter as pessoas na linha: elas já sabem o que é o Inferno, não querem passar a eternidade nele. Por outro lado, nas sociedades abastadas, a ideia de reencarnação pode encontrar mais adeptos.

Nas sociedades ricas, as pessoas vivem num sistema de classes no qual a maioria pertence à chamada classe média. Para quem pertence à classe média, a pior coisa que pode acontecer é ficar pobre. Como tal, a ameaça da reencarnação funciona, porque o mau carma traz não só o Inferno, como também uma forma de vida inferior (numa classe mais baixa, por exemplo) na encarnação seguinte. Era este o caso no sistema de castas hindu da abastada Índia antiga, onde floresceu a ideia da reencarnação. No entanto, trata-se de algo que agora está a mudar na Índia: a maioria das pessoas é pobre e a ideia da reencarnação já não é tão popular. Por outro lado, as sociedades ocidentais de hoje, com uma crescente opulência, tornaram-se cada vez mais classistas. E não é de surpreender que a ideia da reencarnação esteja agora a ganhar adeptos nestas sociedades.

Faz sentido. No nível Pós-Morte 100, aprendemos o básico: Deus, bem e mal, alma, Céu e Inferno. No nível Pós-Morte 300, ficamos com a noção da reencarnação, da roda do carma. Aqui, levantamos questões que não nos passaríamos pela cabeça no nível 100. Se há vida depois da morte, porque não há de haver vida antes da vida? Porque é que acontecem coisas más às pessoas boas? E o melhor de tudo: como é que um Deus verdadeiramente justo e benevolente não nos dá a todos a boa vida do Céu?

Quando comparada com os níveis 100 e 300, a ideia de uma libertação seria um curso de pós-graduação de nível 500. Apenas podemos entrar neste curso depois de muito «carma-cola». Entramos quando fazemos perguntas sobre a verdadeira natureza da realidade e sobre a nossa ligação com ela, quando intuímos que nós, o mundo e Deus não estamos separados e não somos independentes uns dos outros. Entramos nele quando todo o mundo dos seres sencientes se torna a nossa família, e queremos servi-la de uma nova maneira.

O filósofo Michael Grosso chamou à recente onda de interesse pela reencarnação nos Estados Unidos «a formação espontânea de um mito de reencarnação», mas, na realidade, é mais do que isso. Acredito que

passámos em massa do Pós-Morte 100 para o curso do 300.º nível. E alguns de nós já estão a ponderar a possibilidade de fazer o curso de pós-graduação.

Quando é que tem lugar a transição para o curso do nível seguinte? O filósofo Alan Watts explicou-o muito bem. Para Watts (1962), a roda do carma é muito semelhante a um parque de diversões. No princípio, do ponto de vista da alma, arriscamos menos. Apegamo-nos à boa vida quando reencarnamos. Só mais tarde é que percebemos que existirão maiores oportunidades de aprendizagem se optarmos pelas diversões mais arriscadas — nascermos pobres, mas virtuosos, ou vivermos uma vida cheia de altos e baixos, mas criativa. No entanto, mesmo assim, esse sofrimento supremo que é o tédio acaba por nos apanhar; mais cedo ou mais tarde, a ideia de uma imersão eterna na roda cármica parece medonha. O cineasta Woody Allen, em *Ana e as Suas Irmãs*, captura este sentimento na perfeição:

(...) Nietzsche, com a sua teoria da repetição eterna. Ele disse que vamos viver a vida que vivemos uma e outra vez, exatamente da mesma maneira, até à eternidade. Fantástico. Isto quer dizer que vou ter de aturar as *Ice Capades* outra vez. Não vale a pena.

(Citado em Fischer, 1993)

Quando nos sentimos assim, podemos-nos interessar pela ideia da libertação.

É digno de nota que tanto a ideia cristã de eternidade no Céu como a ideia oriental de libertação remetem, na sua essência, para um estágio ao qual, certamente, poderíamos chamar imortalidade da alma (acabaram-se os nascimentos, acabou-se a morte). A primeira ideia (a do Céu) é apenas uma versão simplificada da segunda, que nos diz como lá chegamos (ou seja, a primeira salta as etapas intermédias).

Como tal, o leitor não deve pensar que as ideias sobre reencarnação são exclusivamente orientais, só há pouco tempo importadas para o Ocidente. A reencarnação era uma ideia aceite no judaísmo no qual Jesus nasceu. Muitos estudiosos defendem que antes de 553 d. C. o cristianismo também aceitava a ideia da reencarnação. Nesse ano, diz-se que o quinto Concílio Ecuménico terá promulgado um édito contra a ideia de que as almas reencarnam, embora outros especialistas acreditem que ele nunca o fez oficialmente. (Para mais sobre o assunto, ver Bache, 1991; MacGregor, 1978)

Muitos estudiosos também acreditam que a divisão quanto à reencarnação no Ocidente não se trata de uma divisão entre Oriente e Ocidente, mas sim entre as linhas esotéricas e exotéricas das religiões ocidentais. A reencarnação é uma ideia aceita pelos sufistas, o ramo esotérico do islão. O judaísmo hassídico aceita a reencarnação, assim como os gnósticos e outras tradições místicas do cristianismo (Bache, 1991; Cranston & Williams, 1984).

A ideia de reencarnação surge com frequência no pensamento ocidental fora de qualquer contexto religioso. Começando por Pitágoras e Platão, nomes como David Hume, Ralph Waldo Emerson, Henry Thoreau, Benjamin Franklin, J. W. von Goethe, todos eles acreditavam na reencarnação. Goethe escreveu:

*A alma do homem é como a água;  
Vem do Céu,  
Para o Céu se eleva,  
E depois regressa à Terra,  
Numa eterna alternância.*

(De *Gesang der Geister über den Wassern*, citado em Viney, 1993)

E Franklin escreveu para o seu próprio epitáfio, quando tinha apenas vinte e dois anos:

*O Corpo de B. Franklin,  
Impressor,  
Qual Capa de Um Velho Livro,  
O Seu Conteúdo Arrancado  
E Despojado das Suas Letras e Douraduras,  
Aqui Jaz,  
Pasto de Vermes,  
Mas a Obra não Estará Perdida,  
Porque, como Era Sua Crença,  
Há de Ressurgir  
Numa Nova e mais Elegante Edição  
Revista e Corrigida  
Pelo Autor.*

(Citado em Cranston & Williams, 1984)

O movimento teosófico, do qual a reencarnação é uma doutrina básica, desenvolveu-se rapidamente no Ocidente durante o século XIX, porque a semente para a aceitação daquela já estava presente. Mais recentemente, sondagens da opinião pública indicam que um número substancial de ocidentais, talvez tanto quanto 25 por cento, acredita na reencarnação (Gallup, 1982). O filósofo C. J. Ducass afirmava que «a crença na continuidade da vida tem a sua origem [nas crianças] de uma forma completamente espontânea». Os dados de que dispomos sobre a recordação de memórias reencarnacionais revelam que existem atualmente muitos destes casos no mundo ocidental (Stevenson, 1974). Se a reencarnação não é uma questão cultural, se é universal, então será apenas natural perguntar se estamos na presença de uma ideia científica.

## **A sobrevivência pós-morte e a reencarnação são ideias científicas?**

Esta discussão faz algum sentido sob o escrutínio científico da nossa era? Algumas décadas atrás, a resposta teria necessariamente sido um sonoro não, mas as coisas já não são assim. Uma das principais razões para esta mudança são os dados de qualidade comprovada. Referi-me acima aos dados relativos à memória de reencarnações. Muitos destes dados, cujos aspetos foram verificados, dizem respeito a crianças que se lembram das suas vidas passadas. Mas muitos mais foram obtidos a respeito daquilo a que se chama regressões a vidas passadas, nas quais as pessoas parecem recordar-se de incidentes das suas vidas anteriores sob hipnose, em situações traumáticas, sob o efeito de certas drogas ou com outras técnicas especiais. (Para uma análise deste tema, ver Cranston & Williams, 1984.) E grande parte dessas memórias recuperadas foi corroborada. Em muitos casos, a possibilidade de fraude foi eliminada.

Porém, o mais importante é que os dados sobre memórias de reencarnações não são os únicos de que dispomos. As experiências de quase-morte (ou seja, experiências de pessoas que regressaram de uma situação de morte clínica) corroboram muito bem descrições de uma realidade pós-morte, pelo menos de algumas das suas fases, que se encontram nos «livros dos mortos» das culturas antigas. (Para uma análise dos livros

dos mortos, ver Grof, 1994.) As pessoas que passam por uma experiência de quase-morte têm a percepção de que estão fora do seu corpo, percorrendo um túnel que as leva a outro mundo, vendo parentes há muito falecidos, seres espirituais de luz, etc.

Nas últimas décadas, a ciência também deu início a uma oportuna, mas inesperada, reavaliação da sabedoria antiga. Embora a tendência geral da ciência desde o século XVII tenha sido a de uma evolução orientada para um enfoque material, a das últimas décadas do século XX começou a explorar a área anteriormente marginalizada da esfera espiritual. Neste livro, demonstrarei que este novo paradigma da ciência se encontra em consonância com ideias como Deus, alma, Céu, Inferno, carma ou reencarnação — toda a gama de temas espirituais.

Estas ideias são extremamente subtis se adequadamente formuladas e compreendidas, mas temos uma tendência condicionada para as considerar de uma forma grosseira e materialista<sup>1</sup>. Por exemplo, a maioria das pessoas vê o Céu como um lugar que segue um padrão semelhante ao da Terra (basta ver algumas das suas representações nos filmes de Hollywood). É frequente as religiões populares representarem-no dessa maneira, sendo nós vítimas dessa forma de ver as coisas desde a infância. No entanto, torna-se claro que o «outro mundo», a existir, terá de ser radicalmente diferente deste.

A ciência moderna apoia de forma muito convincente a ideia de um mundo monista — a noção de que existe apenas uma substância que constitui a realidade. Se houvesse também um mundo dual de substância-alma, como poderia esse mundo interagir com o mundo material? O que poderia mediar tal interação? Obviamente, nem a substância-alma nem a substância material podem servir como mediadores. Por outro lado, uma tal interação não implicaria uma troca de energias entre os dois mundos? Em caso afirmativo, o livro-razão de energia do mundo material apresentaria ocasionais excessos ou défices, quando a verdade é que tal não acontece. Uma lei da física diz-nos que a energia do mundo material é constante — a lei da conservação da energia. Como tal, a sabedoria científica evita muito apropriadamente o dualismo da interação (um legado do filósofo René Descartes) na nossa maneira de ver a realidade; dualismo e ciência são como azeite e água: não há como misturá-los.

<sup>1</sup> Uso a palavra «materialista» para designar pessoas que acreditam no primado da matéria, que só a matéria é real; estas pessoas também são chamadas «realistas materiais».

Assim sendo, a velha ciência dos últimos três séculos ensinou-nos que todos os fenômenos são de coisas que são feitas de matéria. Trata-se de um monismo baseado na ideia de que a matéria é a base de todo o ser. Em vez disso, o novo paradigma apresenta um monismo baseado no primado da consciência: essa consciência (variamente designada como Espírito, Deus, Divindade, Ein Sof, Tao, Brahma, etc., nas tradições populares e espirituais), e não a matéria, é o fundamento de todo o ser; é um monismo baseado numa consciência que é unitiva e transcendente, mas que se torna múltipla nos seres sencientes, como nós. Nós somos essa consciência. Todo o mundo da experiência, incluindo a matéria, é a manifestação material de formas transcendentais de consciência.

A alegoria da caverna de Platão esclarece a situação. Platão imaginou que a experiência humana era como um teatro de sombras: encontramos-nos numa caverna amarrados a cadeiras, pelo que estamos sempre de frente para uma parede onde uma luz exterior à caverna lança as sombras de formas arquetípicas ideais. Consideramos que as sombras são a realidade, mas a sua origem está atrás de nós, nos arquétipos. E, em última análise, a luz é a única realidade, visto que é tudo o que vemos. No monismo baseado no primado da consciência, esta é a luz da caverna de Platão, os arquétipos constituem a realidade transcendente e o teatro de sombras é a realidade imanente.

Esta visão monista da realidade, à qual chamo idealismo monista, é muito antiga e constitui a base de todas as grandes tradições espirituais do mundo, razão pela qual é muitas vezes designada como a filosofia perene. No cristianismo esotérico, o fundamento de todo o ser recebe o nome de Divindade, o mundo transcendente dos arquétipos é o Céu e o mundo da experiência é a Terra. No passado, a aceitação científica deste ponto de vista era limitada, porque os idealistas não conseguiam explicar conceitos como transcendência e autorreferência (como o eu se divide num sujeito/eu capaz de se referir a si mesmo e a um objeto ou objetos que estão separados dele) em termos cientificamente acessíveis. O novo paradigma de uma ciência no seio da consciência, por vezes chamada ciência idealista, começou quando estes conceitos adquiriram credibilidade científica. Este tem sido o tema de vários livros recentes, incluindo o meu (Goswami, 1993; Herbert, 1993).

Trata-se de um progresso genuíno. O materialismo é pura metafísica, não há como verificar objetivamente que tudo, inclusive a mente e a

consciência, advém da matéria. A filosofia perene de outrora é aquilo a que hoje podemos chamar metafísica experiencial, porque os grandes mestres espirituais de todas as tradições sempre afirmaram ter observado diretamente que o ser é baseado numa consciência ilimitada, transcendente e unitiva. Em contraste, o idealismo monista (isto é, a filosofia perene no novo contexto da ciência no seio da consciência) não é apenas metafísica experiencial, mas também metafísica experimental, uma vez que, pelo menos em parte, as suas ideias metafísicas são verificáveis, não só pelas experiências do indivíduo, a um nível privado, como também pelas experiências no domínio público<sup>2</sup>.

Se o leitor cresceu numa cultura ocidental ainda extremamente materialista, é muito provável que a sua visão de mundo seja uma estranha e confusa amálgama do materialismo (a supremacia da matéria) e do dualismo cartesiano da interação (o mundo espiritual é um mundo separado e independente, feito de uma substância imaterial que de alguma forma interage com o mundo material). Ainda não há muito tempo, houve quem tentasse provar (de forma muito pouco convincente) a existência da alma com a demonstração de que o corpo humano perde peso no instante da morte, violando o princípio da conservação da energia.

Até os idealistas monistas confessos são muitas vezes vítimas da dualística cartesiana quando falam sobre morte e reencarnação. Falam em confirmar a validade de fantasmas, aparições, como objetos da mesma realidade física partilhada de uma cadeira ou de uma árvore. Eu vejo uma cadeira porque, aos meus olhos, ela reflete a luz. Mas um fantasma, se fosse um ser imaterial de outro mundo, emitiria um sinal ou refletiria a luz de maneira que os meus sentidos o detetassem? É óbvio que não. O desafio mais importante para a nossa ciência no seio da consciência consiste em reformular a discussão dos fenómenos relacionados com a morte e a reencarnação segundo o ponto de vista monista. E é este o desafio que assumo neste livro. Se é necessário usar conceitos dualistas, temos de encontrar explicações que não violem as leis da ciência; temos de conciliar estes conceitos no seio de uma visão monista. E foi isso que eu consegui fazer.

<sup>2</sup> A expressão «metafísica experimental» foi cunhada pelo filósofo Abner Shimony.

## A alma e o quantum

O que é que sobrevive? Aquilo que sobrevive reencarna sob alguma forma à qual possamos chamar um *continuum* (nascimento-morte-renascimento e assim sucessivamente)? Durante um intenso período de investigação que durou cerca de um ano, encontrei a minha resposta. Existe uma «alma» que sobrevive à morte do corpo físico e que reencarna noutra forma para formar um *continuum*. Sim, esta referência a uma alma faz sentido numa ciência baseada na consciência, mas apenas se considerarmos a alma em termos «quânticos».

A situação é semelhante à verificada perto do fim do século XIX. Os físicos descobriram que considerar a matéria e a luz segundo o antigo ponto de vista newtoniano (ou seja, a matéria é sempre localizada, movendo-se em percursos bem definidos, e a luz assume sempre a forma de uma onda, dispersa, capaz de estar em mais de um lugar ao mesmo tempo) gerava anomalias e paradoxos. Descobriram uma nova forma de encarar tudo isto: a forma quântica.

A palavra «quantum» significa «uma quantidade discreta». Por exemplo, um quantum de luz, chamado fóton, é uma quantidade de energia discreta e indivisível, um feixe localizado de energia. Reconhecer que a luz tem uma natureza de partícula localizada, além da sua natureza ondulatória mais familiar, e que a matéria tem uma natureza ondulatória além da sua natureza mais familiar como partícula localizada eliminou as anomalias e paradoxos a que nos referimos acima.

Assim, a importância da palavra quantum vai muito além da sua descrição. A dinâmica quântica concede um poder inesperado, quase mágico, a objetos do domínio submicroscópico.

- O que é que significa dizer que a matéria é algo semelhante a uma onda e que, como tal, pode estar em mais de um lugar ao mesmo tempo? Se isto parece paradoxal, o paradoxo é resolvido se percebermos que as ondas de matéria são ondas de possibilidade (representadas tecnicamente por funções matemáticas chamadas funções de onda); estão em dois (ou mais) lugares ao mesmo tempo apenas como uma possibilidade, apenas como uma sobreposição das duas (ou mais) possibilidades.

- Os objetos quânticos existem como uma sobreposição de possibilidades até que a nossa observação produz a realidade a partir da potencialidade, um acontecimento real, localizado, entre os muitos acontecimentos potenciais. Se uma determinada possibilidade tem uma elevada probabilidade de se concretizar por meio da observação, essa onda de possibilidade será, como tal, forte; quando a onda é fraca, a probabilidade de a correspondente possibilidade se concretizar é reduzida.

Um exemplo ajudará a esclarecer a situação. Suponhamos que libertamos um elétron numa sala. Numa questão de momentos, a onda do elétron espalha-se por todo esse espaço. E agora suponhamos que instalamos na mesma sala uma grelha de detetores de elétrons, os conhecidos contadores Geiger. Todos eles começam a dar sinal? Não. Apenas um deles. Conclusão: antes da observação, o elétron propaga-se pelo espaço, mas apenas sob a forma de uma onda de possibilidade. E é a observação que produz o colapso da onda de possibilidade num acontecimento real.

- A mecânica quântica é um cálculo de probabilidades que nos permite calcular a probabilidade de cada possibilidade numa dada situação dinâmica. Probabilidade gera incerteza. Já não podemos saber o paradeiro do objeto com toda a certeza. O movimento dos objetos quânticos está sempre envolto numa certa incerteza.
- Antes de a física quântica ser devidamente compreendida, a metafísica materialista predominava na ciência: as partículas elementares formam os átomos, os átomos formam as moléculas, as moléculas compõem as células, entre as quais estão os neurónios, os quais compõem o cérebro, e o cérebro dá-nos a consciência. Esta é a chamada teoria da causação ascendente: a causa ascende desde as partículas elementares (micro) até ao cérebro e à consciência (macro). Não existe poder causal em nenhuma entidade do mundo, exceto nas interações entre partículas elementares. Mas, se os próprios seres humanos não passam de possibilidades materiais, como é que a nossa observação pode colapsar ondas de possibilidade? A interação de uma possibilidade com outra possibilidade apenas gera uma possibilidade mais complexa, nunca uma realidade. Como tal, se apenas existisse uma única causação

ascendente no mundo, o colapso quântico seria um paradoxo. Na interpretação correta e isenta de paradoxos da física quântica, a causalidade ascendente apenas é capaz de produzir ondas materiais de possibilidade entre as quais a consciência (que é imaterial) pode escolher, e a consciência possui o poder supremo, ao qual chamamos causalidade descendente, de criar a realidade manifesta, ao escolher livremente entre as possibilidades que lhe são oferecidas. A consciência já não é vista como um epifenómeno do cérebro, mas como o fundamento de todo o ser, no qual todas as possibilidades materiais, incluindo o cérebro, se encontram arraigadas.

- Os objetos quânticos podem saltar de forma descontínua (agora estão aqui e no instante seguinte estão ali). Damos a este salto o nome de salto quântico. Um átomo emite luz quando um elétron dá um salto quântico de um estado atômico energético superior para outro inferior. Podemos apreciar a radicalidade deste salto quântico se o visualizarmos como um elétron que salta de uma órbita mais alta em redor do núcleo atômico para uma órbita mais baixa sem percorrer o espaço entre as duas.

Nesta mesma linha, a causalidade descendente é descontínua em todos os seus aspetos: causal (não lhe podemos atribuir uma causa específica), mecânico (não podemos fazer um modelo mecânico desta causalidade), algorítmico (não existe matemática que lhe seja aplicável) e lógico (a sua lógica é circular: o observador é essencial para que o colapso ocorra, mas o observador não passa de uma possibilidade antes de o colapso ter lugar)<sup>3</sup>.

- Foi comprovado experimentalmente que, quando corretamente correlacionados, os objetos quânticos se influenciam uns aos outros não localmente, ou seja, sem a mediação de sinais que percorrem o espaço e sem demorar um tempo finito. Como tal, os objetos quânticos correlacionados têm de estar interligados num domínio que transcende o espaço e o tempo. A não localidade implica transcendência, pelo que todas as ondas quânticas de possibilidade

<sup>3</sup> Se o leitor tiver dificuldade em visualizar uma onda no cérebro, ainda que seja uma onda de possibilidade, «porque as ondas se deslocam», entenda que elas, num espaço confinado, são estacionárias; ou seja, «ondulam» enquanto permanecem no mesmo lugar, como num instrumento musical.

residem num domínio que transcende o espaço e o tempo; vamos chamar-lhe o «domínio da potência transcendente» (potência no sentido de potencialidade), para usar o termo de Aristóteles adaptado por Werner Heisenberg.

E não pensemos que a possibilidade é menos real do que a realidade; pode muito bem ser o contrário. Aquilo que é potencial pode ser mais real do que aquilo que é manifesto, porque a potência existe num domínio atemporal, ao passo que qualquer realidade é meramente efêmera: ela existe no tempo. É assim que pensam os orientais, tal como os místicos de todo o mundo, e também os físicos que tomam em conta a mensagem da física quântica.

A «magia» quântica (estar em dois lugares ao mesmo tempo, causação descendente, saltos quânticos e ligações não locais), que é tão poderosa e tão clara na esfera submicroscópica, estende-se ao macromundo da nossa experiência? Nos últimos anos, foi proposta a perturbadora ideia de que o cérebro humano aplica processos quânticos em todos os casos de observação, sempre que procedemos a uma medição quântica. O cérebro responde a um estímulo apresentando todo um conjunto de possibilidades quânticas macroscopicamente discerníveis (uma onda de possibilidade), sendo umas delas precipitada sob a forma do acontecimento experienciado quando a consciência assim o entende<sup>4</sup>.

O leitor já pode ver aqui uma parte da metáfora relativa à física quântica da alma. Enquanto o corpo físico, quando vivo, representa possibilidades que sempre têm de se manifestar como uma estrutura localizada que possui um início finito e um fim finito, a alma representa possibilidades e potência sem uma estrutura localizada na manifestação. Como poder transcendente, sem a fixidez da manifestação local no tempo e no espaço, transmigra (ou seja, é experienciada não localmente) de uma encarnação num determinado local e tempo para outra num diferente ponto no espaço e no tempo.

O conceito de alma perde os seus paradoxos cartesianos dualistas quando o imbuímos de uma dinâmica quântica e causalidade descendente, como o leitor poderá ver; e a dinâmica quântica também lhe concede uma potência inesperada que nos permite ver a validade dos ensinamentos

---

<sup>4</sup> Os processos quânticos do cérebro têm sido investigados por muitos autores, incluindo Walker (1970), Bass (1975), Stuart, Takahashi & Umezawa (1978), Stapp (1982, 1993), Wolf (1984), Goswami (1989, 1990, 1993), Herbert (1993) e Eccles (1994).